

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

“DO DILÚVIO A ALEXANDRE: A BABILÔNIA A PARTIR DOS
OLHOS DE UM BABILÔNICO”

Diana Beltrão de Macedo

Brasília
2015

Universidade de Brasília

“DO DILÚVIO A ALEXANDRE: A BABILÔNIA A PARTIR DOS
OLHOS DE UM BABILÔNICO”

Diana Beltrão de Macedo

Monografia apresentada ao Departamento de História
do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília
para a obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Prof. Vicente Carlos Alvarez Dobroruka

Brasília

2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar deve ser frisado que a ordem dos fatores não expressa nenhuma ordem de importância nos agradecimentos. Sou igualmente grata a todos os mencionados aqui. Assim sendo, posso prosseguir nas minhas menções.

Gostaria de agradecer a minha família por todo o investimento feito. Sem ele e sem o apoio de vocês eu nunca teria chegado onde estou. Vocês me mostraram que quando se faz o que gosta não tem como ser malsucedido. Mãe, pais, avós, irmãos e tio: mesmo distante, vocês sempre estiveram por perto quando precisei.

Ao meu companheiro. Obrigada por sua paciência, por estar disponível para me ajudar a qualquer momento, por parar para entender a minha pesquisa só para poder debater comigo nas horas em que travei no meu discurso. Obrigada pelo seu apoio incondicional todos esses anos e por sonhar os meus sonhos.

Agradeço ao meu orientador por desde o começo (literalmente) acreditar e investir em mim. Mesmo quando estivemos distantes você me ensinou. E se hoje eu posso me considerar uma boa historiadora é porque você me ensinou como ser uma profissional responsável e valorosa.

Obrigada aos integrantes da banca, professor Rodrigo e Raul por disponibilizarem o seu tempo para participarem desse momento tão importante na vida de um estudante.

Se estou onde estou e tenho os sonhos que tenho hoje é porque vocês acreditaram em mim e me mostraram que nada é impossível quando o desejo é verdadeiro. Por isso deixo aqui a minha eterna gratidão. Vocês são parte essencial da minha história.

Resumo

Uma das principais fontes de conhecimento a respeito da história da Babilônia está na obra de Berossos intitulada *Babyloniaka*. Por muitos séculos, até a redescoberta do cuneiforme no século XIX, o conhecimento relacionado a este povo restringiu-se ao material de comentadores que eram transmitidos de geração em geração, sendo um desses Berossos. Sendo assim, ao estudarmos Berossos, estamos entrando em contato a história do povo mesopotâmico. Dessa forma, este trabalho tem por objetivo apresentar Berossos e a sua obra e discutir quem foi esta figura e o seu trabalho, além de verificar a importância das suas contribuições para a formação da história da Mesopotâmia.

Palavras-chave: Historiografia antiga, Judaísmo helenístico, Babilônia, Mesopotâmia, Império Selêucida.

ÍNDICE

Introdução.....	6
1. Quem é Berossos?.....	10
1.1. Contexto histórico.....	11
1.2. Berossos historiador x Berossos astrólogo: dois ou um?.....	12
2. A <i>Babyloniaka</i>	17
2.1. O livro 1: o começo de tudo.....	18
2.2. O livro 2: a transição.....	18
2.3. O livro 3: política na Babilônia.....	19
2.4. Por que a <i>Babyloniaka</i> foi escrita?.....	20
2.5. Por que a <i>Babyloniaka</i> se perdeu ao longo do tempo?.....	22
3. O livro 2 da <i>Babyloniaka</i> : uma breve análise.....	24
Conclusão.....	31
Referências Bibliográficas.....	32

Introdução

Os estudos contemporâneos sobre a Mesopotâmia só foram iniciados no fim do séc. XIX, após as escavações de George Smith¹ que encontrou diversos documentos, tábuas e artefatos em cuneiforme que nos auxiliaram a ter uma maior e melhor compreensão a respeito do que foi toda a região mesopotâmica, inclusive a Babilônia.

Mas e antes de ocorrerem essas escavações? Como ao longo de tantos séculos não perdemos de vista a existência deste povo? Isso foi possível graças a uma série de autores que escreveram a respeito da Babilônia e cujo os trabalhos foram preservados pelas transmissões ao longo do tempo.

Entre esses autores está a figura chave deste trabalho: Berossos, um sacerdote de Bel² que viveu na Babilônia entre os sécs. IV e III a.C.

Na época de Berossos, a vida intelectual era organizada e financiada pelos templos. Apesar de não sabermos ao certo se os babilônicos já definiam conceitualmente à época o que era “historiografia”, visto que não faziam distinção entre historicidade e aquilo que definimos como “mitos” e/ou “épicos”³, eram os sacerdotes quem tinham contato e estudavam a “história” daquela civilização.

Por ser um sacerdote, Berossos era parte da elite urbana local. À sua época já não era mais o acádico a língua vernacular, mas sim o aramaico. Contudo, por estar mergulhado na cultura babilônica tradicional que era fomentada nos templos, Berossos sabia o sumério e acádico⁴.

No primeiro capítulo temos por objetivo explorar detalhadamente quem foi Berossos, bem como levantar e discutir as incertezas que cercam este personagem pouco explorado na

¹ George Smith (1840 – 1876) foi um assiriólogo inglês pioneiro responsável por descobrir diversos fragmentos e manuscritos da região mesopotâmica, sendo o mais importante deles a tábua XI do épico de Gilgamesh, um dos mais antigos trabalhos de literatura conhecidos, que contém um relato do Dilúvio.

² Bel, nome derivado da palavra semita “Baal” que significa “senhor”, também era conhecido como Marduk. Na religião mesopotâmica era considerado o principal deus e protetor da Babilônia.

³ Geert de Breucker. “Berossos between tradition and innovation” in: Karen Radner e Eleanor Robson (eds.). *The Oxford Handbook of Cuneiform Culture*. New York: Oxford University Press, 2011. Pp. 640-641. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*.

⁴ Geert de Breucker. “Berossos: His Life and His Work” in: Johannes Haubold, Giovanni B. Lanfranchi, et al (eds.). *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental Traditions, Hatfield College, Durham 7th-9th July 2010*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013. P. 16. Para as citações seguintes utilizarei apenas *The World of Berossos*.

historiografia. Entretanto, não é objetivo deste trabalho abordar e discutir as formas pseudônimas de Berossos que surgiram ao longo da história⁵.

Levando em consideração as informações supracitadas, abordaremos também a contribuição deixada por Berossos para a história. Trata-se de uma obra composta por três livros intitulada *Babyloniaka*. Esta conta a história da Babilônia desde a criação até, aproximadamente, o reinado de Alexandre, o Grande (331 - 323 a.C.). É considerada um marco, pois foi redigida por um babilônico utilizando a língua, as formas, convenções e concepções de historiografia grega do período⁶. Ou seja, seu trabalho não é uma mera tradução das tábuas em cuneiforme, mas uma narrativa dessas histórias trabalhada de forma a se tornar compreensível aos leitores gregos.

Infelizmente a obra de Berossos se perdeu em sua forma completa ao longo do tempo e hoje possuímos à nossa disposição somente fragmentos preservados através de citações de outros autores. Deve ser frisado que por conta disso requer-se uma atenção especial para fazer qualquer afirmação conclusiva a respeito da natureza da obra de Berossos.

É propósito também deste capítulo compreender porque a obra de Berossos sobre a Babilônia não foi preservada, uma vez que era babilônico, enquanto as obras de outros autores que não eram de origens babilônicas permaneceram ao longo do tempo como referência para compreender a história da Babilônia.

A forma como a *Babyloniaka* foi transmitida é demasiado complexa. Na atualidade possuímos todas as citações a respeito de Berossos feitas pelos autores judeus, cristãos e pagãos catalogadas em um só lugar graças ao trabalho de Felix Jacoby, um filólogo e classicista alemão que viveu entre o final do séc. XIX e meados do séc. XX, intitulado *Die Fragmente der Griechischen Historiker* (FGrHist), que consiste em uma coleção de fragmentos de historiadores gregos antigos. Todas as citações à *Babyloniaka* feitas ao longo deste trabalho serão feitas a partir dos fragmentos reunidos por Jacoby⁷.

Esclarecido este fato podemos proceder à linha de transmissões. Há três pessoas que formam a base das transmissões - ou seja, são quem tiveram contato com a obra de Berossos

⁵ Deve ser esclarecido que, apesar de não ser o propósito final desse trabalho falar a respeito das formas pseudônimas de Berossos, algumas serão apresentadas ao longo do texto devido a sua importância para a compreensão do assunto. Não abordaremos, contudo, a relação de Berossos com os Oráculos Sibilinos. Entretanto, por sabermos da importância do tópico nas discussões sobre a personagem em questão, estamos com um artigo em fase de produção a fim de abordar somente este conteúdo.

⁶ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 647.

⁷ Para tanto, será utilizada a versão de CD-Rom.

antes que ela se perdesse. Esses são Posidônio de Apaméia (FGrHist87)⁸, Alexandre Polyhistor (FGrHist273)⁹ e Juba da Mauretânia (FGrHist275)¹⁰.

A partir destes autores houvera uma segunda leva de transmissões. Posidônio de Apaméia fora fonte direta para três autores antigos que buscavam informações a respeito dos escritos de Berossos sobre astronomia e astrologia. São eles: Vitruvius Pollio¹¹, Plínio, o Velho¹² e Sêneca, o Jovem (FGrHist644)¹³. Após estes três autores houveram mais sete autores pagãos tardios que mencionam Berossos como fonte para informações astronômicas e astrológicas que dependeram de pelo menos uma fonte intermediária para reportarem o que Posidônio disse a respeito de Berossos¹⁴.

Alexandre Polyhistor e Juba da Mauretânia, por sua vez, foram fontes, principalmente, para os autores judeus e cristãos que desejavam citar Berossos. O mais conhecido deles fora Flávio Josefo, um historiador judeu que vivera no séc. 1 d.C. e escrevera diversas obras essenciais para a nossa compreensão do judaísmo àquela época. Além de Josefo, outros dois autores importantes para este trabalho citaram Alexandre Polyhistor e Juba da Mauretânia como fontes a respeito de Berossos. Foram eles Abydenos (FGrHist685)¹⁵ e Sextus Julius Africanus¹⁶.

Infelizmente os trabalhos de Alexandre Polyhistor e Juba da Mauretânia não sobreviveram até o presente. Os livros de Abydenos e Sextus Julius Africanus passaram então a serem referência antes de se perderem também. Foram utilizados como fontes por Eusébio de Cesareia (FGrHist101)¹⁷ no seu epítome da história mundial que tinha por objetivo sincronizar a história pagã com a história judaico-cristã. Seu trabalho intitulado *Chronicon* também não

⁸ Posidônio de Apaméia (135 - 50 a.C.) foi um filósofo e historiador grego nascido na cidade helenística de Apaméia, na Síria. Foi para Atenas onde completou a sua educação e depois se estabeleceu em Rodes onde permaneceu até a sua morte. Foi responsável pela preservação, principalmente, dos fragmentos sobre astronomia e astrologia de Berossos.

⁹ Alexandre Polyhistor foi um erudito grego nascido na primeira metade do séc.1 a.C. Ele foi escravizado pelos romanos e viveu parte da sua vida na Itália. Grande parte da sua obra se perdeu ao longo tempo tendo chegado a atualidade somente fragmentos.

¹⁰ Juba da Mauretânia ou Juba II (52/50 a.C. - 23 d.C.) foi um rei da Numídia que depois mudou-se para a Mauretânia. Além de participar da vida política escreveu vários livros sobre história, geografia, gramática, etc.

¹¹ Marcus Vitruvius Pollio (80/70 - 15 a.C.) foi um escritor e arquiteto romano no século 1 a.C.. Ficou conhecido pelo seu trabalho intitulado *De Architectura*.

¹² Gaius Plinius Secundus (23 - 79 d.C.), mais conhecido como Plínio, o Velho foi um escritor e filósofo romano que escrevera uma enciclopédia intitulada *Naturalis Historia* que tornou-se um modelo para outras enciclopédias.

¹³ Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.), foi um filósofo e político romano que escrevera diversos trabalhos sobre filosofia.

¹⁴ Gerald P. Verbrugghe e John M. Wickersham. *Berosos and Manetho – Introduced and Translated*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996. Pp. 27-28. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Berosos and Manetho*.

¹⁵ Não sabemos ao certo quando Abydenos viveu, mas estima-se que tenha sido entre os sécs. II e III d.C.. Ele escreveu um trabalho sobre os antigos assírios e babilônicos.

¹⁶ Sextus Julius Africanus (160 - 240 d.C.) foi um historiador e viajante cristão que escreveu uma série de cinco livros intitulada *Chronographiae* que conta a história do mundo desde a criação até o ano 221 d.C..

¹⁷ Eusébio de Cesareia (265 - 339 d.C.) foi bispo da Cesareia e considerado pai da história da Igreja, pois nas suas obras encontram-se os primeiros relatos sobre a história do cristianismo primitivo.

sobreviveu por completo. O que temos atualmente são apenas as traduções de Jerônimo¹⁸ em latim das tábuas cronológicas, uma tradução completa em armênio feita entre 500 e 800 d.C. e trechos citados na obra de Jorge Syncellus¹⁹ intitulada *Ecloga Chronographica*²⁰.

Como já dito anteriormente, devido essa complexa rede de transmissão e a falta de uma fonte preservada na atualidade que cite diretamente o que Berossos escreveu, é muito difícil fazer afirmações conclusivas e, quando feitas, são produto de uma cautela especial a fim de evitar tornar algo que deveria ser uma mera suposição em um fato.

Por fim, feita uma análise a respeito da *Babyloniaka* como um todo, o terceiro capítulo será destinado a enveredar as discussões a somente um dos livros. Discutiremos quais são os conteúdos trabalhados no livro 2 da *Babyloniaka* e faremos uma análise comparativa de um dos assuntos com outras narrativas tematicamente afins.

¹⁸ Jerônimo, ou São Jerônimo (347 - 420 d.C.), foi sacerdote, teólogo e historiador cristão. Ficou conhecido principalmente por sua tradução da Bíblia para o latim (a Vulgata).

¹⁹ Jorge Syncellus foi um cronista e eclesiástico bizantino que viveu entre os séculos VIII e IX d.C. Viveu como monge por muitos anos na Palestina antes de se mudar para Constantinopla onde foi intitulado syncellus (secretário pessoal) de Tarásio, patriarca de Constantinopla. Após alguns anos no cargo, retirou-se para um monastério onde escreveu a sua grande obra - *Ecloga Chronographica*.

²⁰ Verbrugge e Wickersham, *Berossos and Manetho*, p. 29.

1. Quem é Berossos?

As informações que possuímos a respeito de Berossos são escassas e por isso as dúvidas que rodeiam este personagem são muitas e constantes. A primeira delas diz respeito à sua data de nascimento e de morte. Não sabemos quando Berossos nasceu, nem quando morreu. Jorge Syncellus o associa com o período de Alexandre, o Grande, que reinou na Babilônia de 331 a 323 a.C.. Entretanto, devido a forma como escreveu não podemos afirmar se Syncellus queria dizer que Berossos nasceu ou se viveu durante o reinado do rei macedônio²¹ (FGrHist680F1b).

(1) *Berossos, de acordo com o que registra no prefácio antes da Babyloniaka, surgiu na época de Alexandre o amante de cavalos*²².

Outra dúvida paira sobre a grafia do seu nome em acádio. Verbrugge e Wickersham, baseados no que Komoroczy escreve²³, alegam ser *Bel-re-ušu*, que significa “Bel é o seu pastor”²⁴. Breucker por sua vez defende, baseado no argumento de Van der Spek, que na verdade, o nome é *Bel-re ’ušunu*, que significa “Bel é o pastor deles”²⁵.

Van der Spek admite ser *Bel-re-ušu* a forma mais utilizada e disseminada do nome de Berossos em acádio, mas defende o seu argumento de que o correto seria *Bel-re ’ušunu* baseado no fato de que a primeira forma não é encontrada nos textos selêucidas sobre a Babilônia, enquanto a segunda forma sim²⁶.

A partir dessas duas formas acádicas preservaram-se diversas formas do nome de Berossos em grego, visto que na Antiguidade não sabia-se como transliterar os sons das vogais em acádio²⁷. As formas variam apenas na quantidade de sigmas (um ou dois) e na acentuação. Seriam elas: Βήρωσσος, Βηρωῶσσος, Βηρωσσός, Βηροσός, Βηρωσός, Βήρωσος²⁸. No alfabeto latino encontramos também mais algumas variações do seu nome: Berossos, Berossus, Berosos. Por sua adoção generalizada, decidimos adotar ao longo deste trabalho a forma “Berossos”.

Como já citado, Berossos descreveu-se como um sacerdote de Bel, nativo da Babilônia²⁹. Essa informação é de suma importância, pois revela-nos que ele tinha ligação com

²¹ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 15.

²² (1) Βήρωσσος δὲ ἐν τῇ πρώτῃ τῶν Βαβυλωνιακῶν φησι γενέσθαι μὲν αὐτὸν κατὰ Ἄλέξανδρον τὸν Φιλίππου [sic] τὴν ἡλικίαν.

²³ Géza Komoroczy. “Berossos and the Mesopotamian Literature” in: János Harmatta. *Acta Antiqua - Academiae Scientiarum Hungaricae*. Budapeste: Akadémiai Kiadó, 1973. P. 125.

²⁴ Verbrugge e Wickersham, *Berossos and Manetho*, p. 13.

²⁵ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 15.

²⁶ Robert J. van der Spek. “The *šatammus* of Esagila in the Seleucid and Arsacid Periods” in: *Assyriologica et Semitica*, p. 439, 2000. Para as citações seguintes utilizarei apenas *The šatammus of Esagila*.

²⁷ Verbrugge e Wickersham, *Berossos and Manetho*, p. 13.

²⁸ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 15.

²⁹ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 637.

Esagila³⁰. E era de Esagila que saía a maior autoridade local da Babilônia: o *šatammus*, um sacerdote que era prefeito da cidade e líder do templo³¹. Van der Spek especula, baseado em uma série de textos referentes a um *šatammus* chamado *Bel-re'ušunu*, que pudesse tratar-se de Berossos. Essa ideia, entretanto, parece improvável devido a incompatibilidade de datas - caso fosse verdadeira, contrariaria a informação proveniente de Berossos que alega ser um contemporâneo de Alexandre, o Grande³².

Também era em Esagila que concentrava-se a vida “acadêmica” babilônica da época de Berossos, visto que quem organizava e financiava esse tipo de atividade eram os templos. Ou seja, por ser um sacerdote, Berossos fazia parte da atividade intelectual da Babilônia, tendo contato com textos antigos e reproduzindo seu conteúdo³³.

Sabemos então que Berossos sabia o sumério e o acádio, pois tinha contato com os antigos textos mesopotâmicos. Deve ser lembrado que à sua época o acádio não era mais a língua vernacular, mas sim o aramaico. Contudo, apesar de sabermos que viveu no período helenístico, não possuímos nenhuma documentação que explique como Berossos aprendeu o grego (língua utilizada por ele na escrita da *Babyloniaka*).

Infelizmente não sabemos mais detalhes a respeito da vida de Berossos, pois tudo que temos a nossa disposição sobre a sua pessoa é fruto do seu próprio relato na sua única obra, a *Babyloniaka*³⁴.

1.1. Contexto histórico

Como dito previamente, Berossos nos informa que ele vivera à época da presença de Alexandre, o Grande na Babilônia. A partir desta informação há duas suposições que podem ser feitas: 1- Que ele nasceu durante o reinado de Alexandre; 2- Ou que ele já era vivo à época de Alexandre. Contudo, para compreendermos o que significa “viver” à época do reinado de Alexandre, o Grande na Babilônia, primeiramente é necessário entendermos quem foi Alexandre e como ele chegou à Babilônia.

Alexandre III da Macedônia, mais conhecido como Alexandre, o Grande, nasceu em 356 a.C. na Macedônia. Filho do rei Filipe II, ele ascendeu ao trono em 336 a.C. após o

³⁰ Esagila foi o templo dedicado a Marduk, o deus patrono da Babilônia. Foi o maior templo da cidade da Babilônia.

³¹ Van der Spek, *The šatammus of Esagila*, p. 437.

³² Idem, p. 439.

³³ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, pp. 640-641.

³⁴ Haubold, *The World of Berossos*, p. 3.

assassinato do seu pai³⁵. Alexandre ficou conhecido na história por sua grande habilidade militar e pelas suas diversas conquistas territoriais.

Após a sua ascensão ao trono, Alexandre empreendeu diversas campanhas em direção à Ásia. Depois de passar pelos Balcãs, pela Ásia Menor, pela Síria e pelo Egito, chegou à Mesopotâmia em 331 a.C.. Foi lá que Alexandre derrotou Dario III³⁶ e conquistou Babilônia, na batalha que ficou conhecida como Batalha de Gaugamela³⁷.

Posteriormente a Batalha de Gaugamela, Alexandre deixou a Mesopotâmia em direção à Pérsia e à Índia, onde empreendeu outras conquistas ao longo de vários anos. Contudo, em 323 a.C., retornou à Babilônia onde permaneceu até a sua morte. Alexandre morreu no palácio que fora de Nabucodonosor II de causas, até hoje, discutidas³⁸.

Com a morte de Alexandre, o império foi dividido entre os seus *diadokhoi*: amigos e generais que lutaram ao seu lado durante as suas campanhas. Após muitas disputas pelo poder, Seleuco ficara com a posse da Babilônia. A partir dela, ele empreendeu uma enorme expansão pela Ásia Menor ao longo de trinta anos formando o maior estado no mundo antigo por um século e meio: o Império Selêucida³⁹.

Caso a hipótese de que Berossos nasceu durante o reinado de Alexandre, o Grande seja a verdadeira, então ele vivera em uma Babilônia helenizada sob regime Selêucida. Por motivos de datação, ele provavelmente vivera durante os reinados de Seleuco I e de seu filho Antioco I - que, juntos, reinaram de 306 à 261 a.C.

1.2. Berossos historiador x Berossos astrólogo: dois ou um?

Como já dito anteriormente, possuímos pouquíssimas informações a respeito de Berossos, visto que tudo que conhecemos a seu respeito provém do seu próprio relato e muito se perdeu ao longo do tempo. Dentre os muitos mistérios que circundam este personagem, o mais importante vem de uma série de fragmentos de cunho astrológico que não encaixam-se em nenhum dos três livros da *Babyloniaka*.

É sabido que estes fragmentos são de um Berossos que viveu na ilha de Cós na Grécia. As discussões dividem-se então entre aqueles que acreditam tratar-se de apenas um Berossos que mudara-se da Babilônia ou que, na verdade, trata-se de dois Berossos, um astrólogo e um

³⁵ Maria Annie. *Mesopotamia – Unabridged Guide*. Aspley: Emereo Publishing. Pp. 148-149. Para as citações seguintes utilizaremos apenas *Mesopotamia – Unabridged Guide*.

³⁶ Dario III (380 - 330 a.C.) foi o último rei da dinastia aquemênida da Pérsia.

³⁷ Annie, *Mesopotamia – Unabridged Guide*, p. 156.

³⁸ Idem, p. 161.

³⁹ John D. Grainger. *The Rise of the Seleucid Empire - 323-223 a.C.*. Barnsley: Pen & Sword Books. P. I.

historiador, distintos que, por falta de maiores informações ao longo das transmissões, passaram a ser tratados como somente um.

Os primeiros fragmentos que tratam deste assunto são provenientes de Vitruvius que relata que Berossos, após escrever a *Babyloniaca*, deixou a Babilônia e migrou para a ilha de Cós, onde abriu uma escola para ensinar astronomia e astrologia.

Para chegarmos a uma hipótese é necessário, em primeiro lugar, retornar ao contexto histórico em que Berossos viveu. Pelos relatos que possuímos à nossa disposição sabemos que ele nascera na Babilônia e fora contemporâneo de Alexandre, portanto é plausível supor que ele vivera também durante a parte inicial do Império Selêucida. Em contrapartida, durante este mesmo período, a região da ilha de Cós, local para onde acredita-se que Berossos migrou, estava sob domínio de Ptolomeu⁴⁰.

Para os que são contrários à ideia de que Berossos mudou-se da Babilônia para dedicar-se à astrologia na Grécia, essa informação é essencial, visto que à época em que se supõe que Berossos viveu, Selêucidas e Lágidas estavam envolvidos em constantes embates uns contra os outros⁴¹. A partir desta informação, algumas pessoas que se colocam contrárias a ideia, aproveitam o fato para questionar a historicidade das fontes que o citam⁴². Entretanto, apesar das guerras, não era de todo impossível para Berossos migrar da Babilônia para Cós.

Em suma, o fato de que selêucidas e lágidas eram inimigos em certo ponto da vida de Berossos não pode ser considerado argumento suficiente para sustentar a ideia de que houveram dois Berossos, um astrólogo e um historiador. Contudo, é possível contestar a autenticidade dos fragmentos astronômicos e astrológicos transmitidos como sendo de autoria de Berossos.

Geert de Breucker, em concomitância com Amélie Kuhrt, contesta diversos pontos citados nos fragmentos astronômicos e astrológicos indicados como sendo de Berossos. Eles acreditam que estes fragmentos refletem as doutrinas gregas e não as babilônicas e por isso não podem ser autênticos. O primeiro ponto que ele cita está no fragmento FGrHist680F17 que diz:

Deus fundou e constituiu o nome verdadeiro das estrelas, depois disso os peritos em astrologia colocaram as narrativas que consideraram próprias ... de tudo juntam as estrelas como os homens constituem, não como Júpiter antecipadamente constituiu. Essas indicações das estrelas mesmo Berossos afirma na sua Criação não tem nada a ver com o que a constituição do mundo de fato é⁴³.

⁴⁰ Verbrugge e Wickersham, *Berossos and Manetho*, pp. 13-14.

⁴¹ Idem, p. 14.

⁴² De Breucker, *The World of Berossos*, p. 19.

⁴³ *stellas enim constituit et fundavit deus, nomina vero et signa postea et astrologiam peritissimi addiderunt eis et fabulas condiderunt proprias de tali constitutione stellarum homines committunt, non qualem Juppiter praecepit. istas enim appellationes et significationes stellarum postea aliquando Berossus ¶ait in Procreatione ita significans exposuit nihil ad constitutionem mundi ab eo factam.*

Neste fragmento, o autor anônimo, falando a respeito de Berossos, afirma que foram os homens quem agruparam as estrelas em constelações e as nomearam. Breucker, no entanto, afirma que os babilônicos acreditavam, na verdade, que quem fizera isso foram os deuses, e não os homens⁴⁴. Além disso, Breucker alega não existirem indicações de que os babilônicos acreditavam na destruição cíclica do universo pela água ou pelo fogo (presente no fragmento FGrHist680F21)⁴⁵.

Berosos, que interpretou Bel, afirma que este curso compôs as constelações. Ele afirma tão certamente, que pode assinalar o tempo da conflagração e do dilúvio. A terra irá queimar quando todos os planetas, que nos visitam no correr, convergirem em Câncer e possa uma linha fixa passar por todas as órbitas; acontecerão inundações quando os mesmos planetas em desordem convergirem em Capricórnio⁴⁶.

Baseado nestes e noutros pontos, Breucker acredita que a figura do Berossos astrólogo é, na verdade, fabricada como outros diversos personagens manifestos na literatura greco-romana, como por exemplo o “faraó” egípcio Nechepso e as diversas lendas que giraram em torno do semi-lendário Pitágoras. O motivo pelo qual essa personagem teria sido criada decorria da necessidade de dar uma origem às doutrinas astronômicas e astrológicas babilônicas e explicar como o conhecimento caldeu alcançou o mundo grego⁴⁷.

Mas por que, de acordo com essa teoria, Berossos fora o nome escolhido para tornar-se astrólogo? Para Breucker essa escolha foi feita pois, além de ter escrito a história da Babilônia a partir de fontes nativas, ele fora um sacerdote babilônico, figura considerada por gregos e romanos como sendo grande conhecedor de astronomia e astrologia⁴⁸.

Por outro lado, encontramos os favoráveis à ideia de que o mesmo Berossos sacerdote que escrevera a *Babyloniaka* teria migrado para a ilha de Cós onde abriu uma escola de astronomia/astrologia. O primeiro argumento utilizado pelos defensores dessa tese provém da mesma informação em que alguns, contrários à mesma se apropriam para reforçar a sua hipótese: a mudança de um sacerdote babilônico, residente em uma área de domínio selêucida, para uma área dominada pelos lágidas. Os favoráveis, porém validam-se deste argumento para

⁴⁴ Idem, p. 19.

⁴⁵ Idem, p. 19.

⁴⁶ quidam existimant terram quoque concuti et dirupto solo nova fluminum capita detegere, quae amplius ut e pleno profundant. Berossos, qui Belum interpretatus est (T9), ait ista cursu siderum fieri. adeo quidem affirmat, ut conflagrationi atque diluvio tempus assignet: arsura enim terrena contendit, quandoque omnia sidera, quae nunc diversos agunt cursus, in Cancrum convenerint, sic sub eodem posita vestigio, ut recta linea exire per orbis omnium possit; inundationem futuram, cum eadem siderum turba in Capricornum convenerit.

⁴⁷ Idem, p. 20.

⁴⁸ Idem, p. 20.

afirmar que, apesar selêucidas e lágidas serem inimigos, a migração neste período não era impossível.

Outro argumento favorável está na datação das informações a respeito do assunto. Como já dito anteriormente, Vitrúvio, que vivera entre 80/70 - 15 a.C., foi o primeiro a mencionar a mudança de Berossos para Cós e menciona apenas isso. Somente depois foi que surgiram as primeiras menções de Berossos como “escritor de história”⁴⁹.

É possível afirmar também que Berossos mudara-se para a Grécia por ser requisitado por suas suas habilidades com astronomia e astrologia. O fragmento FGrHist680T6 afirma que uma estátua foi construída em Atenas para a sua honra.

*Vários incontáveis se distinguem em conhecimento completo, quem também entram em contato igual, mas existe um homem que é exemplo: na astrologia, Berossos, que por causa das predições divinas o público ateniense no ginásio fez uma estátua e cobriram com ouro a língua*⁵⁰.

Argumenta-se também que, após o domínio selêucida da Babilônia e a fundação de Selêucia-no-Tigre, a primeira deixou de ser o centro intelectual do império e a Selêucia passou a competir política e economicamente com a Babilônia. Ao passo que Selêucia-no-Tigre tornara-se a maior cidade da Mesopotâmia, a Babilônia entrava em decadência. A maior parte da sua população migrou para outras cidades, tornando ainda mais factível a saída de Berossos da Babilônia rumo à ilha de Cós⁵¹.

O fato de que muito do que se sabia a respeito de Berossos se perdeu com o passar do tempo torna os estudos a respeito desta figura mais difíceis. Tudo que sabemos a seu respeito e a respeito dos seus feitos são provenientes de uma série de transmissões que, naturalmente, podem ter distorcido o conteúdo do material original. Como não possuímos os textos originais à nossa disposição, precisamos acreditar, com cautela, no que foi reproduzido.

Tanto os argumentos contrários, quanto os favoráveis a respeito do assunto aqui discutido têm legitimidade e boas bases. Entretanto, acreditamos que a existência de fragmentos que propõem a ida de Berossos para a ilha de Cós e, mais importante, a tradição escrita que narra a ida de Berossos para Cós, são argumentos sólidos o suficiente para crermos que Berossos teve uma carreira internacional como astrólogo/astrônomo.

⁴⁹ Verbrugge e Wickersham, *Berosos and Manetho*, p. 14.

⁵⁰ *variarum artium scientia innumerabiles enituere, quos tamen attingi par sit florem hominum libantibus: astrologia Berosus, cui ob divinas praedictiones Athenienses publice in gymnasio statuam inaurata lingua statuere.*

⁵¹ *Idem*, pp. 14-15.

2. A *Babyloniaka*

De acordo com as informações que possuímos e supracitadas, Berossos produziu apenas uma obra ao longo de sua vida que chegou à atualidade somente através de 22 citações ou paráfrases do seu trabalho por outros autores antigos (chamados *Fragmenta* segundo Jacoby) e 11 afirmações a respeito de Berossos feitas por autores judeus e cristãos (chamados *Testimonia*)⁵².

Essa obra maior de Berossos é intitulada *Babyloniaka*, ou *Chaldaica*⁵³. Por ser *Babyloniaka* a forma mais difundida e utilizada nas pesquisas, esta será a forma a ser adotada ao longo deste trabalho. A *Babyloniaka* trata, ao longo de três livros, da história da Babilônia desde a criação até o reinado de Alexandre, o Grande⁵⁴.

Como discutido previamente, por ser um sacerdote, Berossos tinha acesso aos registros locais feitos em sumério e acádio e sabia lê-los. Sua obra, entretanto, não foi uma mera cópia desses registros em ordem cronológica na forma de papiros. Berossos utilizou-os como base para redigir a sua própria narrativa. Este fato torna o rastreamento das fontes um trabalho mais árduo, visto que não há como associar diretamente os fragmentos que possuímos da *Babyloniaka* com tábuas cuneiformes específicos. Em uma mesma narrativa de Berossos podemos, teoricamente, encontrar diversas fontes misturadas⁵⁵.

É também uma particularidade de Berossos a forma como a *Babyloniaka* foi escrita. Apesar de ser babilônico e da língua vernacular de sua região nativa ser o aramaico⁵⁶, Berossos redigiu a sua obra toda em grego. Não apenas na língua grega, mas também modelando-a de acordo com as formas, concepções, convenções da historiografia grega do período e até mesmo adaptando conceitos a fim de tornar a história da Babilônia passível de compreensão para os leitores gregos⁵⁷.

Contudo, antes de discutirmos os “por quês” que cercam a obra de Berossos, é necessário que conheçamos, em primeiro lugar, o conteúdo que foi trabalhado ao longo dos três livros.

⁵² Robert Drews. “The Babylonian Chronicles and Berossus” in: *Iraq*, 1, Vol. 37, p. 50, 1975. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Babylonian Chronicles and Berossus*.

⁵³ John Dillery. “Greek Historians of the Near East” in: John Marincola (ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. West Sussex: Blackwell Publishing. P. 222. Para as citações seguintes utilizarei apenas *A Companion to Greek and Roman Historiography*.

⁵⁴ Haubold, *The World of Berossos*, pp. 3-4.

⁵⁵ Dillery, *A Companion to Greek and Roman Historiography*, p. 223.

⁵⁶ Deve ser frisado aqui que, apesar de chamado de aramaico, o dialeto falado na Babilônia era, na verdade, uma variação regional do aramaico mais conhecido como a língua dos judeus.

⁵⁷ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 24.

2.1. O livro 1: o começo de tudo

O primeiro livro é dedicado a falar a respeito das origens do mundo e do surgimento da civilização babilônica⁵⁸. Para tanto, Berossos inicia a sua narrativa, primeiramente, apresentando-se e, em seguida, falando a respeito da geografia, da fauna e da flora da região mesopotâmica⁵⁹.

Após a introdução, Berossos passa a narrar a criação do mundo. Ele relata o surgimento de um ser antropomórfico, metade peixe, metade humano, chamado Oannes que veio do Mar Vermelho no ano um. Berossos fala que Oannes dedicou os seus dias a ensinar os homens a construir cidades, fazer leis, dividir fronteiras, plantar e colher, etc. Além disso, foi Oannes quem explicou aos homens como se deu a criação do mundo.

Em seguida Berossos põe-se a contar o relato de Oannes. Diz que havia um tempo que o universo era apenas escuridão e água e que haviam seres maravilhosos de formas peculiares que eram capazes de gerar outros seres vivos. Sobre todos estes seres, havia uma mulher que detinha todo o controle: Omorka, que em caldeu é chamada *Thalath* e em grego é chamada *Thalassa*.

Enquanto o mundo ainda estava dessa forma, Bel levantou-se contra a mulher e a cortou ao meio. Com uma de suas metades ele criou a Terra, e com a outra criou os céus e estabeleceu a ordem no universo. Os monstros, contudo, não conseguiram aguentar a força da luz e foram destruídos. Bel, vendo então uma região árida e vazia, deu ordem a um dos deuses para cortar a sua cabeça e misturar a terra e o seu sangue a fim de criar os homens e os animais.

Berossos, ao fazer esse relato da criação, recontou o mito de *Enuma Elish*, o principal texto religioso da Mesopotâmia antiga, que era recitado ao começo de todos os anos e fora muito difundido⁶⁰. Os fragmentos referentes ao livro 1 da *Babyloniaka* estão em FGrHist680F1.

Além do relato da criação do mundo, acredita-se que os fragmentos de cunho astronômico e astrológico de Berossos sejam encaixados também no livro 1, devido à diversidade de assuntos que são abordados nessa parte da obra⁶¹.

⁵⁸ Paul-Alain Beaulieu. “Berossus on Late Babylonian History” in: *Special Issue of Oriental Studies*, 2006. P. 117. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Berossus on Late Babylonian History*.

⁵⁹ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 23.

⁶⁰ Verbrugge e Wickersham. *Berossos and Manetho*, p. 16.

⁶¹ Idem, p. 15.

2.2. O livro 2: a transição

No próximo volume, Berossos explicou três diferentes fatos. Estes fatos, presentes no livro 2 da *Babyloniaka*, funcionam como um conector entre o livro 1, que trata de um mito do tempo primeiro, e o livro 3, que fala da história política⁶².

Em primeiro lugar, Berossos fala a respeito de uma lista de dez reis que antecederam o Dilúvio (FGrHist680F3). A origem mais provável da lista de Berossos é a Lista de reis sumérios, porém, mais uma vez, ele não fez uma mera cópia, mas sim uma adaptação a fim de criar a sua própria versão⁶³.

Conectado a lista de reis, vemos em seguida o relato do Dilúvio (FGrHist680F4).

Após descrever o Dilúvio, Berossos faz uma listagem dos reis até Nabonassar. Esta lista, entretanto, é bem sucinta: Berossos dá apenas os nomes dos governantes⁶⁴ (FGrHist680F5).

2.3.O livro 3: política na Babilônia

Na terceira, e última parte, de sua obra, Berossos prossegue a sua narrativa, no formato de um relato histórico da sucessão de reis após Nabonassar até Alexandre, o Grande⁶⁵. É importante ressaltarmos que em momento algum Berossos preocupa-se em localizar o leitor na transmissão entre o império Babilônico, império Assírio e império Neo-babilônico.

Segundo Berossos, após o reinado de Nabonassar, Akise ascendeu ao trono, onde permaneceu por trinta dias, quando foi morto por Baladas que tomou o seu lugar. Baladas reinou por seis meses até que um homem chamado Belibos o matou e tornou-se rei.

No terceiro ano do seu reinado, Senakheirimos, rei dos assírios, liderou um exército contra a Babilônia e a conquistou. Ele capturou Belibos e seus amigos e os levou para a Assíria. Após isso, ele comandou a Babilônia e fez seu filho Asordanios rei quando retornou à Assíria. Berossos conta também que, após vencer os gregos em uma batalha, foi erguida uma estátua em homenagem a Senakheirimos com um inscrito na língua dos caldeus como uma lembrança de sua bravura e seus atos heroicos para o futuro.

Berossos relata que Senakheirimos foi morto em uma conspiração liderada pelo seu filho Ardumuzan. Após ele, Samoges reinou por vinte e um anos e seu irmão, Sardanapallos,

⁶² Lang, *The World of Berossos*, p. 48.

⁶³ Verbrugge e Wickersham, *Berossos and Manetho*, p. 20.

⁶⁴ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 645.

⁶⁵ Idem, p. 22.

por mais vinte e um anos. Posteriormente a Samoges e seu irmão, Nabopalassaros ascendeu ao trono onde permaneceu por vinte anos e foi sucedido por seu filho, Nabucodonosor.

Sobre Nabucodonosor, Berossos narra sua marcha contra os rebeldes no Egito, sob comando do seu pai, e a conquista e destruição do templo de Jerusalém e o subsequente exílio dos judeus na Babilônia por setenta anos. Além disso, Nabucodonosor estabeleceu relações com o Egito, deu o controle dos prisioneiros capturados da Judeia, Fenícia e Síria e Egito para alguns dos seus amigos e reconstruiu a cidade da Babilônia⁶⁶.

Nessa reconstrução, Nabucodonosor fortificou a cidade, decorou seus portões como se fossem sagrados e construiu um novo palácio para si mesmo. Berossos diz que, apesar de enorme e esplendorosamente decorado, o palácio levou apenas quinze dias para ser construído. É quando trata dessa construção que Berossos menciona que Nabucodonosor construiu os jardins suspensos para a sua esposa.

Nabucodonosor reinou por quarenta e três anos, até a sua morte. Foi sucedido por Euilmaradokhos que permaneceu como rei por dois anos até que foi morto pelo marido de sua irmã, Neriglisaros. Este então reinou durante quatro anos e foi sucedido por seu filho, que ainda era criança, Laborosoardokhos, que permaneceu no trono apenas nove meses. Ele foi morto por conspiradores que não concordavam com os atos de seu pai. Dentre os conspiradores foi escolhido um, Nabonnedos, para ocupar o trono.

No décimo sétimo ano do reinado de Nabonnedos, Ciro, da Pérsia, pôs-se a marchar em direção à Babilônia. Nabonnedos perdeu a batalha contra o rei persa e a Babilônia foi capturada por este. Berossos conta então que Ciro comandou a Babilônia por nove anos até que faleceu em uma guerra. Após ele, Cambises reinou por oito anos e Dario por trinta e seis anos. Após estes vieram Xerxes e o restante dos reis persas.

Não é possível identificarmos qual fonte em particular Berossos utilizou para construir a narrativa do livro 3. Acredita-se que ele possa ter utilizado, dentre as que conhecemos atualmente, a *Lista de Reis A*⁶⁷ e a *Crônica I*⁶⁸. Entretanto, caso tenha usado alguma dessas, Berossos não as reproduziu, mas sim criou a sua própria narrativa, visto que o que restou da *Babyloniaka* não confere com as partes remanescentes dessas fontes preservadas⁶⁹. Os fragmentos referentes ao livro 3 encontram-se em FGrHist680F7.

⁶⁶ Verbrugge e Wickersham, *Berosos and Manetho*, p. 58.

⁶⁷ A *Lista de Reis A* é uma composição do período Neo-babilônico que trata desde a primeira dinastia da Babilônia até a morte de Kandalanu em 626 a.C.

⁶⁸ A *Crônica I* reconta os eventos desde o reinado de Nabu-nasir até o reinado de Shamash-shuma-ukin (741-667 a.C.). Foram preservadas três cópias, sendo uma delas escrita por volta de 500 a.C.

⁶⁹ Idem, p. 22.

2.4. Por que foi escrita?

Analisando as formas e conteúdos trabalhados por Berossos na *Babyloniaka* é possível especularmos a respeito dos propósitos para o qual foi escrita. Contudo, podemos apenas fazer especulações, visto que em momento algum Berossos afirma qual a sua real intenção.

O primeiro ponto que deve ser levado em consideração é a língua em que Berossos escreveu a sua obra. Apesar de ser babilônico de origem, ele redigiu a *Babyloniaka* em grego. É razoável afirmar que ele fez isso a fim de conferir maior prestígio a sua obra⁷⁰, entretanto Berossos não apenas a escreve em grego, mas também adota o estilo historiográfico grego⁷¹.

Conforme supracitado, Berossos não faz uma mera tradução das fontes em sumério e acádio para a língua grega, ele faz um trabalho de adaptação das fontes de forma a torná-las compreensíveis para os leitores gregos (e.g. mudar o nome da divindade feminina responsável pelos oceanos de Tiamat para *Thalassa*, a palavra grega para “oceano”)⁷². Além disso é possível encontrar na *Babyloniaka* também os quatro elementos do gênero da etnografia histórica grega: 1- Geografia, 2- Origens, 3- Panorama histórico e 4- Costumes. Não há nada próximo a esse gênero na literatura babilônica⁷³.

Outro ponto que corrobora com essa ideia encontra-se no prefácio da sua obra. Berossos a utiliza para apresentar-se ao seu público (FGrHist680F1a-b).

Uma auto-apresentação feita por um autor não-integrante da realeza era algo muito raro na literatura mesopotâmica. Ademais, ele exhibe-se como um sacerdote de Bel como forma de dar credibilidade ao seu trabalho, visto que os gregos consideravam os sacerdotes orientais *experts* nas suas culturas nativas. Também característico da historiografia grega Berossos apresenta as fontes que utilizou como base com o intuito de reforçar a sua confiabilidade⁷⁴.

Mais um propósito pelo qual a *Babyloniaka* pode ter sido escrita também encontra-se no prefácio. No fragmento FGrHist680T2 é dito que Berossos dedicou o seu trabalho a Antíoco I⁷⁵ (324 - 261 a.C.).

Essa informação levou os pesquisadores a suscitarem a discussão da possibilidade de Berossos ter escrito a *Babyloniaka* com finalidades políticas⁷⁶ e/ou propagandísticas⁷⁷ a pedido

⁷⁰ Tuplin, *The World of Berossos*, p. 178.

⁷¹ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 647.

⁷² Idem, p. 649.

⁷³ Idem, p. 647.

⁷⁴ Idem, pp. 647-648.

⁷⁵ Dillery, *A Companion to Greek and Roman Historiography*, p. 222.

⁷⁶ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 17.

⁷⁷ Haubold, *The World of Berossos*, p. 33.

do próprio Antíoco. Contudo, não encontramos outros argumentos em fontes que possam fortalecer essa ideia.

Como muito do que foi escrito por Berossos perdeu-se ao longo do tempo, não é possível concluirmos o “real” propósito da *Babyloniaka* a partir das informações que temos disponíveis nos fragmentos e *Testimonia*.

2.5. Por que se perdeu ao longo do tempo?

Em primeiro lugar, deve-se ressaltar que, ao falarmos de perder-se ao longo do tempo, não estamos dizendo que não há mais informações a respeito da *Babyloniaka* à nossa disposição, mas sim que a sua forma original, na qual foi composta por Berossos, perdeu-se com o passar do tempo e hoje possuímos apenas o que outros autores reproduziram e escreveram a respeito da obra.

Em segundo lugar, independente de qual fosse o propósito pelo qual foi escrita, a obra de Berossos teve pouco impacto na Antiguidade clássica e falhou em tornar-se uma obra padrão a respeito da Mesopotâmia pré-Alexandre, o Grande⁷⁸. Por que isso aconteceu?

Talvez o motivo básico resida no próprio conteúdo da *Babyloniaka*. Sua narrativa pouco fala sobre o povo ou sobre grandes reis da Mesopotâmia - conteúdos que atraíam o interesse dos leitores greco-romanos. Histórias desse tipo, contudo, não faltam na história da Mesopotâmia, mas no momento da obra em que poderia explorá-las, Berossos preferiu fazer uma narrativa simples, deixando o conteúdo mais aprofundado para os assuntos provenientes dos registros mais antigos - presentes nos livros 1 e 2⁷⁹.

Apesar da falta de interesse por parte dos gregos, não podemos afirmar que a *Babyloniaka* falhou totalmente no seu propósito de contar a história da Babilônia. Judeus e depois cristãos viram na obra de Berossos a oportunidade de entrar em contato com histórias muito similares às da Bíblia e passaram a reproduzir as palavras de Berossos como forma de tentar provar que o conteúdo do Gênesis era verdadeiro⁸⁰. Além disso, judeus e cristãos utilizaram-se da obra de Berossos e de outros cronistas babilônicos para provar que os judeus

⁷⁸ Verbrugge e Wickersham, *Berosos and Manetho*, p. 31.

⁷⁹ Idem, p. 32.

⁸⁰ W. G. Lambert. “Ancient Near Eastern Studies: Mesopotamia” in: J. W. Rogerson e Judith M. Lieu (eds.). *The Oxford Handbook of Biblical Studies*. New York: Oxford University Press, 2006. P.74. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Oxford Handbook of Biblical Studies*.

são tão antigos e também tão veneráveis quanto a maioria das civilizações do Antigo Oriente próximo⁸¹.

Graças, principalmente, a esses autores é que a *Babyloniaka* foi preservada, mesmo que através citações secundárias. E mais: após o esquecimento da leitura do cuneiforme, que durou até o séc. XIX, a *Babyloniaka* permaneceu como uma das principais fontes a respeito da história da Mesopotâmia⁸².

⁸¹ William Adler. “Berossus, Manetho, and ‘1 Enoch’ in the World Chronicle of Panodorus” in: *Harvard Theological Review*, vol. 76, n° 4, p. 422, 1983.

⁸² De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 652.

3. O livro 2 da *Babyloniaka*: uma breve análise

No livro 2 da *Babyloniaka* encontramos os assuntos melhor aprofundados da obra de Berossos. Talvez isso deva-se ao fato de que os conteúdos deste livro são os que mais se aproximam dos conteúdos bíblicos - assuntos que mais atraíram autores judeus e cristãos para a obra de Berossos.

Como já apresentado, o livro 2 da *Babyloniaka* trata de três assuntos distintos: 1- A lista de reis ante-diluvianos; 2- O Dilúvio; 3- Uma lista de reis pós-Dilúvio até Nabonassar. Apesar de estarem interligados, por questões didáticas, procederemos com a análise somente do Dilúvio.

Após listar os dez reis ante-diluvianos, Berossos inicia o seu relato do Dilúvio que procede da seguinte forma:

No segundo livro Berossos registra os dez reis e a duração dos seus reinados, 120 saroi ou 432 000 anos até o Grande Dilúvio. Para o próprio Alexandre, dos escritos dos caldeus, de novo procedendo do nono rei, Ardates, ao décimo rei, chamado por eles Xisouthros, diz o seguinte. Após Ardates ter morrido, seu filho Xisouthros reinou por dezoito saroi, e no seu reinado ocorreu o Grande Dilúvio. Ele registra o seguinte.

Kronos apareceu para Xisouthros em um sonho e revelou que no décimo quinto dia do mês Daisios a humanidade seria destruída por um grande dilúvio. Ele então o ordenou a enterrar juntas todas as tábuas, a primeira, a do meio e a última, e escondê-las em Sippar, a cidade do sol. Então ele deveria construir um barco e embarcar nele com a sua família e melhores amigos. Ele deveria provê-lo com comida e bebida e também levar a bordo animais selvagens e pássaros e todos os animais de quatro patas. Então quando tudo estivesse pronto, ele deveria estar preparado para navegar. Se perguntassem para onde estava indo, ele deveria responder, “para os deuses, para pedir para que todas as coisas boas venham ao homem.” Ele não parou de trabalhar até que o barco estivesse pronto. Seu comprimento era de cinco estádios e sua largura dois. Ele embarcou no barco finalizado, equipado para tudo, assim como fora ordenado, com sua mulher, filhos e amigos mais próximos.

Após as águas do Grande Dilúvio virem e rapidamente irem embora, Xisouthros libertou vários passados. Eles não encontraram nem comida, nem um local para descansar, e retornaram para o barco. Após alguns dias ele libertou alguns outros pássaros de novo, e eles também voltaram para o barco, mas eles retornaram com as garras cobertas de barro. Então depois pela terceira vez ele libertou alguns outros pássaros, mas eles não retornaram para o barco. Então Xisouthros sabia que a terra tinha aparecido de novo. Ele quebrou uma junta em um dos lados do barco e viu que o barco tinha parado em uma montanha. Ele desembarcou, acompanhado de sua esposa e sua filha junto com o piloto. Ele prostrou-se em adoração à terra e montou um altar e fez sacrifícios para os deuses. Após isso, ele desapareceu junto com aqueles que deixaram o barco com ele. Aqueles que permaneceram no barco e não saíram com Xisouthros, quando ele e aqueles que com ele desembarcaram, procuraram por ele e chamaram o seu nome por toda parte. Mas Xisouthros desde então não foi mais visto, e então o som de uma voz que veio do ar deu a instrução de que era obrigação deles honrar os deuses e que Xisouthros, por causa da grande honra que havia mostrado aos deuses, tinha ido para o local de morada dos deuses

e que sua esposa e filha e o piloto desfrutaram da mesma honra. A voz então os instruiu a retornarem para a Babilônia irem para a cidade de Sippar, como era destinado a eles fazerem, desenterrar as tábuas que foram enterradas lá e devolvê-las para a humanidade. O local onde haviam parado era terra da Armênia. Após compreenderem isso, eles fizeram sacrifícios aos deuses lá e foram a pé para a Babilônia.

Desde este dia uma pequena parte do barco que ficou na Armênia permanece nas montanhas Korduaian na Armênia, e algumas pessoas vão lá e pegam pedaços de betume para guardar como amuleto de boa sorte.

E aqueles que chegaram na Babilônia desenterraram as tábuas na cidade de Sippar e as trouxeram para fora. Eles construíram muitas cidades e levantaram templos aos deuses e renovaram a Babilônia.

Tudo isso acima é de Alexandre Polyhistor, que retirou de Berossos, o falso profeta dos caldeus. É possível para aqueles que desejam entender corretamente o que realmente aconteceu recorrer às sagradas escrituras do Gênesis para ver o quanto eles diferem do relato acima dos caldeus, cheio de histórias inacreditáveis⁸³.

O primeiro ponto que devemos investigar é a provável origem para este relato. Neste caso, há duas possíveis origens: o mito de Atrahasis e a tábua XI do épico de Gilgamesh⁸⁴. Entretanto, é importante ressaltarmos que nem tudo da versão de Berossos possui correlação com essas duas histórias.

O épico de Gilgamesh é a maior composição literária escrita em acádio⁸⁵. Foi composta em algum momento entre 1900 e 1600 a.C⁸⁶. Apesar de tratar de outros assuntos que não apenas o Dilúvio, e não possuir tantos detalhes em comum com o relato da *Babyloniaka* é considerado uma das prováveis bases para o trabalho de Berossos por sua popularidade na Antiguidade mesopotâmica.

A outra possível origem é o mito de Atrahasis. Foi escrito por volta de 1700 a.C. e conta a história de Atrahasis - um sábio homem que construiu uma arca e salvou a humanidade da destruição⁸⁷.

A fim de enriquecer a nossa análise, abordaremos também neste trabalho a versão bíblica do Dilúvio que encontra-se em Gn. 6-9. Para tanto, utilizaremos a versão apresentada no texto massorético que diz o seguinte (Gn. 6:5-8, 13-22/7:11-14, 17-24/8:1-14, 18-21):

(5) Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. (6) Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. (7) E disse Iahweh: “Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e com os homens os animais,

⁸³ Ao verificar o fragmento FGrH680F4 em Jacoby, foi encontrado apenas uma pequena parte da narrativa. Portanto, a fim de apresentar o relato completo, foi transcrito aqui a versão disponível na obra de Gerald P. Verbrugge e John M. Wickersham, que muito provavelmente retirou-a diretamente de Syncellus.

⁸⁴ As edições do mito de Atrahasis e do épico de Gilgamesh utilizadas ao longo deste trabalho encontram-se em Stephanie Dalley. *Myths from Mesopotamia. Creation, The Flood, Gilgamesh, and Others*. New York: Oxford University Press, 2008. Para as citações seguintes utilizarei apenas *Myths from Mesopotamia*.

⁸⁵ Dalley, *Myths from Mesopotamia*, p. 39.

⁸⁶ Verbrugge e Wickersham, *Berosos and Manetho*, p. 20.

⁸⁷ Dalley, *Myths from Mesopotamia*, pp. 1-3.

os répteis e as aves do céu – porque me arrependo de os ter feito.” (8) Mas Noé encontrou graça aos olhos de Iahweh.

(13) Deus disse a Noé: “Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra. (14) Faze uma arca de madeira resinosa; tu a farás de caniços e a calafetarás com betume por dentro e por fora. (15) Eis como a farás: para o comprimento da arca, trezentos côvados; para a sua largura, cinquenta côvados; para sua altura, trinta côvados. (16) Farás um teto para a arca e o rematarás um côvado mais alto; farás a entrada da arca pelo lado, e farás um primeiro, um segundo e um terceiro andares. (17) “Quanto a mim, vou enviar o dilúvio, as águas, sobre a terra, para exterminar de debaixo do céu toda carne que tiver sopro de vida: tudo que há na terra deve perecer. (18) Mas estabelecerei minha aliança contigo e entrarás na arca, tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. (19) De tudo o que vive, de tudo o que é carne, farás entrar na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para os conservares em vida. (20) De cada espécie de aves, de cada espécie de animais, de cada espécie de todos os répteis do solo, virá contigo um casal, para os conservares em vida. (21) Quanto a ti, reúne todo tipo de alimento e armazená-lo; isso servirá de alimento para ti e para eles.” (22) Noé assim fez; tudo o que Deus lhe ordenara, ele o fez.

(11) No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do segundo mês, nesse dia jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu. (12) A chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. (13) Nesse mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com a mulher de Noé, e as três mulheres de seus filhos, entraram na arca, (14) e com eles as feras de toda espécie, os animais domésticos de toda espécie, os répteis de toda espécie que rastejam sobre a terra, os pássaros de toda espécie, todas as aves, tudo o que tem asas.

(17) Durante quarenta dias houve o dilúvio sobre a terra; cresceram as águas e ergueram a arca, que ficou elevada acima da terra. (18) As águas subiram e cresceram muito sobre a terra e a arca flutuava sobre as águas. (19) As águas subiram cada vez mais sobre a terra e as mais altas montanhas que estão sob todo o céu foram cobertas. (20) As águas subiram quinze côvados mais alto, cobrindo as montanhas. (21) Pereceu então toda carne que se move sobre a terra, e todos os homens. (22) Morreu tudo o que tinha um sopro de vida nas narinas. Isto é, tudo o que estava em terra firme. (23) Assim desapareceram todos os seres que estavam na superfície do solo, desde o homem até os animais, os répteis e as aves do céu: eles foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que estavam com ele na arca. (24) A enchente sobre a terra durou cento e cinquenta dias.

(1) Deus lembrou-se então de Noé e de todas as feras e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca; Deus fez passar um vento sobre a terra, e as águas baixaram. (2) Fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu; - deteve-se a chuva do céu (3) e as águas pouco a pouco se retiraram da terra; - as águas baixaram ao cabo de cento e cinquenta dias (4) e, no sétimo mês, no décimo sétimo dia do mês, a arca encalhou sobre os montes de Ararat. (5) As águas continuaram escoando até o décimo mês e, no primeiro dia do décimo mês, apareceram os picos das montanhas. (6) No fim de quarenta dias, Noé abriu a janela que fizera na arca (7) e soltou o corvo, que foi e voltou, esperando que as águas secassem sobre a terra. (8) Soltou então a pomba que estava com ele, para ver se tinham diminuído as águas na superfície do solo. (9) A pomba, não encontrando um lugar onde pousar as patas, voltou para ele na arca, porque havia água sobre toda a superfície da terra; ele estendeu a mão, pegou-a e a fez entrar para junto dele na arca. (10) Ele esperou ainda outros sete dias e soltou de novo a pomba fora da arca. (11) A pomba voltou para ele ao entardecer, e eis que ela trazia, no bico, um ramo novo de oliveira! Assim Noé ficou sabendo que as águas tinham escoado da

superfície da terra. (12) Ele esperou ainda outros sete dias e soltou a pomba, que não mais voltou para ele. (13) Foi no ano seiscentos e um, no primeiro mês, no primeiro dia do mês, que as águas secaram sobre a terra. Noé retirou a cobertura da arca; olhou, e eis que a superfície do solo estava seca! (14) No segundo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, a terra estava seca.

(18) Noé saiu com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos; (19) e todas as feras, todos os animais, todas as aves, todos os répteis que rastejam sobre a terra saíram da arca, uma espécie após a outra. (20) Noé construiu um altar a Iahweh e, tomando de animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos sobre o altar. (21) Iahweh respirou o agradável odor e disse consigo: “Eu não amaldiçoarei nunca mais a terra por causa do homem, porque os desígnios do coração do homem são maus desde a sua infância; nunca mais destruirei todos os viventes, como fiz.

O primeiro ponto em comum a todas estas histórias é a presença de um protagonista. Em Berossos ele é chamado Xisouthros; no mito de Atrahasis é o seu homônimo; em Gilgamesh, o nome do protagonista é Ut-napishtim e no *Gênesis* é Noé. Vendo os nomes é perceptível que nenhum deles aproxima-se ao nome do protagonista da narrativa da *Babyloniaka*. Assim sendo, de onde Berossos retirou o nome Xisouthros?

A resposta mais provável é que tinha sido de uma versão suméria do mito de Atrahasis em que o protagonista dos eventos chama-se Ziusudra. Berossos então teria transformado o seu nome para um equivalente em grego: Xisouthros⁸⁸.

É notável que é comum a todas as narrativas também que os protagonistas constroem barcos que abrigam a ele, sua família e animais durante o dilúvio que destrói todo o resto que ficou de fora e que, após a destruição, a humanidade é reestabelecida sobre a terra.

Comum entre o mito de Atrahasis, o épico de Gilgamesh e a narrativa de Berossos, vemos que há mais alguns pontos. Tanto em Atrahasis, quanto na *Babyloniaka* e em Gilgamesh, por exemplo, é dito que os deuses entram em contato com os respectivos protagonistas anunciando que destruirão a terra através do dilúvio e que eles deverão construir um barco a fim de preservar as espécies⁸⁹. Já em Gilgamesh vemos que a arca, após o dilúvio, para em uma montanha - fato semelhante que encontramos na versão de Berossos.

Essa questão de onde a arca reside é fruto de intensas discussões. No épico de Gilgamesh é dito que a arca vai parar no Monte Nimush, enquanto em Berossos a arca para na Armênia. A fim de reforçamos esta semelhança, encontra-se dito nos anais do rei assírio Assurnasirpal II no séc. X a.C. que o Monte Nimush localiza-se em uma região que pode ser descrita como sudeste da Armênia⁹⁰.

⁸⁸ Emil G. Kraeling. “Xisouthros, Deucalion and the Flood Traditions” in: *Journal of the American Oriental Society* 3, vol. 67, p. 178, 1947.

⁸⁹ Dalley, *Myths from Mesopotamia*, p. 1.

⁹⁰ Idem, p. 44.

Contudo, apesar destas e outras características, a narrativa que mais aproxima-se da versão de Berossos é a do *Gênesis*. As semelhanças são diversas e aumentam ainda mais quando nos atentamos aos detalhes. A começar pelo fato de que ambos os protagonistas, Xisouthros e Noé, são os décimos patriarcas das suas respectivas listas de patriarcas ante-diluvianos.

Em seguida, vemos que tanto no *Gênesis*, quanto na *Babyloniaka* uma divindade - Deus e Kronos, respectivamente - entram em contato com os heróis avisando-os dos seus planos de destruição através do dilúvio e ordenando-lhes que construíssem um barco a fim de salvar a si, a sua família e todo tipo de animal. Estes então obedecem e seguem à risca as instruções.

É semelhante também o mês em que se inicia o Dilúvio⁹¹ e os fatos que ocorrem após este. Em primeiro lugar, tanto Xisouthros quanto Noé soltam um pássaro três vezes a fim de verificar se as águas já haviam secado sobre a terra e, após seca, ambos saem da arca acompanhados de suas respectivas famílias e constroem altares de sacrifício em honra aos deuses.

O local onde a arca vai parar após o Dilúvio também é uma semelhança entre as narrativas do *Gênesis* e de Berossos. Na *Babyloniaka* diz-se que a Arca estaciona no território da Armênia sem maiores especificações, enquanto na versão bíblica é dito que a arca para no monte Ararat - uma montanha que encontra-se no planalto armênio.

Para um maior enriquecimento desta análise é importante verificarmos que nem a versão do dilúvio do *Gênesis*, nem o Pentateuco como um todo foi composto por uma só pessoa. Acredita-se que eles são frutos de uma complexa mistura de narrativas compostas ao longo da história da religião dos hebreus. Essa teoria foi fortalecida por Julius Wellhausen⁹², em 1883, que divide a história da seguinte forma:

O primeiro período foi o dos Juízes, entre os séculos XII e VIII a.C., caracterizado pela presença de santuários locais, entretanto sem organização sacerdotal, nem ritualística ou celebrações no período da colheita. Essas condições são apresentadas nas fontes do Pentateuco designadas J e E (porque eles basicamente utilizavam os nomes divinos Jahweh e Elohim). O segundo período é datado no começo pela composição do Deuterônomo (D) e pela reforma no reinado de Josias em 622 a.C.. É caracterizado pela lealdade exclusiva a Deus, o fim dos santuários locais e a instauração de Jerusalém como único templo legítimo para sacrifícios. Este segundo período acabou com a destruição de Jerusalém e o seu templo pelos babilônios em 587 a.C.. O terceiro período foi o da restauração após 540 a.C. quando o templo foi reconstruído

⁹¹ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 644.

⁹² Julius Wellhausen (1844-1918) foi um estudioso bíblico e orientalista que ficou famoso por sua contribuição acadêmica a respeito da origem do Pentateuco.

e a fonte Sacerdotal (P, em inglês *Priestly*) e as partes ritualísticas do Pentateuco foram compostas⁹³.

A narrativa do dilúvio do *Gênesis* chegou à atualidade como uma mistura entre as fontes J e P. O relato “Javista”, além de ser mais antigo, relata os “fatos” de forma mais “emocional”. O relato “Sacerdotal”, por sua vez, é mais recente, contudo apresenta os “fatos” de forma mais detalhada, especialmente a parte cronológica. Ao juntar as duas narrativas, pouca importância foi dada às repetições e em vários momentos da história é possível notar assuntos repetidos de formas diferentes (Gn 6:5-8 e 6:9-13).

(5) Iahweh viu que a maldade do homem era grande sobre a terra, e que era continuamente mau todo desígnio de seu coração. (6) Iahweh arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e afligiu-se o seu coração. (7) E disse Iahweh: 'Farei desaparecer da superfície do solo os homens que criei – e com os homens os animais, os répteis e as aves do céu – porque me arrependo de os ter feito.' (8) Mas Noé encontrou graça aos olhos de Iahweh.

(9) Eis a história de Noé:

Noé era um homem justo, íntegro entre seus contemporâneos, e andava com Deus.

(10) Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé. (11) A terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência. (12) Deus viu a terra: estava pervertida, porque toda carne tinha uma conduta perversa sobre a terra.

(13) Deus disse a Noé: 'Chegou o fim de toda carne, eu o decidi, pois a terra está cheia de violência por causa dos homens, e eu os farei desaparecer da terra.'

Como já dissemos, a *Babyloniaka* de Berossos foi preservada, principalmente, por autores judeus e cristãos. Soma-se a este fato as semelhanças entre as duas narrativas (de Berossos e do *Gênesis*) que são latentes e algumas hipóteses a respeito deste assunto podem ser levantadas.

A primeira delas diz respeito com quanto do que foi preservado da *Babyloniaka* pode ser considerado material confiável. Por ter passado por uma série de transmissões ao longo do tempo e não termos mais à disposição a versão original, é possível questionarmos o quanto dos fragmentos de Berossos são verdadeiros. Ou seja, é razoável supormos que as semelhanças entre a narrativa de Berossos e a do *Gênesis* podem ter sido construídas pelos autores judeus e cristãos que preservaram o seu trabalho.

A possível explicação para essa modificação feita por autores judeus e cristãos reside na mesma solução utilizada para justificar as suas citações da *Babyloniaka*: eles serviram-se um autor pagão, tratando de assuntos pagãos, mas muito parecidos com os assuntos bíblicos, para provar a autenticidade do Antigo Testamento⁹⁴.

⁹³ Rogerson, *Oxford Handbook of Biblical Studies*, p. 6.

⁹⁴ De Breucker, *Oxford Handbook of Cuneiform Culture*, p. 642.

Contudo, como não sabemos até que ponto os fragmentos de Berossos refletem seus textos originais, há outras duas possibilidades, além das modificações, para explicar as semelhanças entre a versão de Berossos e a do *Gênesis* do Dilúvio: 1- Ele teve acesso a outras fontes que desconhecemos ou 2- Ele mesmo teria criado⁹⁵.

Caso consideremos a opção das fontes desconhecidas como válida, prosseguimos então para a outra hipótese a respeito do assunto: a de que Berossos teria baseado-se em uma fonte que não conhecemos mais para escrever o seu relato do Dilúvio e que, esta fonte, apesar de babilônica, teria muitos paralelos com a versão bíblica.

Apesar de incerta até o presente momento, pelo desconhecimento de qual fonte esta poderia ser, este é um assunto que causa discordância e gera discussões. David Toshio Tsumura afirma que há três abordagens para esta questão: 1- A minimalista, 2- A maximalista e 3- *somewhere between*⁹⁶.

1- Os “minimalistas” argumentam que as diferenças entre as versões mesopotâmicas e bíblicas são grandes demais para supor uma conexão. Foram desenvolvidas independentemente.

2- Os “maximalistas” acreditam que o editor do *Gênesis* se familiarizou com as tradições mesopotâmicas. Ele aparenta estar ciente de outras ideias provindas do oriente próximo e deliberadamente opõe-se e/ou argumenta com elas.

3- Para quem encaixa-se na categoria *somewhere between*, a verdade reside em um ponto intermediário entre as posições minimalista e maximalista⁹⁷.

Mesmo sendo grandes as chances de terem sido feitas modificações na obra de Berossos pelos autores que o citaram no intuito de torná-la mais semelhante à versão do *Gênesis*, a hipótese de existir uma outra fonte desconhecida não pode ser descartada.

Essa ideia é reforçada pelo fato de que muito a respeito da Mesopotâmia ainda permanece sem resposta para nós, além do fato de que explicaria as semelhanças não só entre a versão do Dilúvio de Berossos e do *Gênesis*, mas também as semelhanças entre o mito de Atrahasis e o épico de Gilgamesh com o relato bíblico que, apesar, de não serem tantas quanto as da *Babyloniaka*, existem.

⁹⁵ Lang, *The World of Berossos*, pp. 52-53.

⁹⁶ A forma original utilizada pelo autor para esta categoria será mantida aqui por acreditarmos que uma tradução acarretaria na mudança do significado pretendido.

⁹⁷ David Toshio Tsumura. “Genesis and Ancient Near Eastern Stories of Creation and Flood” in: Richard S. Hess e David Toshio Tsumura (eds). *I Studied Inscriptions from Before the Flood – Ancient Near Eastern, Literary, and Linguistic Approaches to Genesis 1-11*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994. Pp. 55-56.

Em conclusão, a falta de mais fatos não nos permite afirmar até que ponto estendem-se as semelhanças entre o relato de Berossos a respeito do Dilúvio e a versão bíblica do mesmo evento. As principais hipóteses foram apresentadas; contudo, seriam necessárias mais informações a respeito da obra de Berossos a fim de que pudéssemos dar uma resposta conclusiva sobre o assunto.

Conclusão

Falar de Berossos é tratar de um tema muito negligenciado ao longo do tempo. Sua intrigante obra, apesar de encontrar-se apenas sob a forma de fragmentos na atualidade, ainda é objeto de estudo essencial para aqueles que desejam conhecer a história da Mesopotâmia.

A sua obra, intitulada *Babyloniaka*, foi escrita com o intuito de atrair o público grego para aquilo que ele considerava ser a “verdadeira história” da Babilônia - diferente das outras que percorriam o mundo àquela época. Neste quesito ele critica os historiadores gregos que erradamente atribuíam a fundação da Babilônia e a construção dos seus magnânicos prédios à rainha assíria Semiramis⁹⁸.

Esse propósito, entretanto, não foi alcançado. A *Babyloniaka* não chamou a atenção dos gregos, que pouco a difundiram. Contudo, foi nas mãos de escritores judeus e cristãos que esta perpetuou-se. As semelhanças entre os mitos mesopotâmicos e as histórias bíblicas era assunto de seu interesse e, com Berossos, esses autores tiveram acesso a esses mitos, que antes dele estavam disponíveis apenas em escrita cuneiforme.

Dessa forma a *Babyloniaka* foi sendo transmitida ao longo das gerações e chegou até a atualidade. E durante muito tempo - desde o fim da Babilônia, até a redescoberta do cuneiforme no séc. XIX - a obra de Berossos foi uma importante forma de conhecimento da história da Babilônia e da Mesopotâmia⁹⁹.

Sendo assim, ao estudar Berossos revisitamos uma parte da história da Mesopotâmia, mas também deparamo-nos com muitos mistérios. Desde informações elementares - como a forma original do seu nome e quando nasceu e morreu - a dúvidas mais profundas (como, por exemplo, de onde ele retirou as informações para compor certas partes do seu relato).

O que prevalece, entretanto, é que Berossos, junto com outros autores como Josefo e Manethon compõe um seleto grupo de autores helenísticos que trataram de assuntos bíblicos e perpetuaram-se à atualidade (tendo sido Berossos e Manethon sendo preservados na forma de fragmentos e Josefo com a sua obra inteira disponível).

⁹⁸ De Breucker, *The World of Berossos*, p. 24.

⁹⁹ Beaulieu, *Berossus on Late Babylonian History*, p. 117.

Referências bibliográficas:

- Primária:

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulus, 1985.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker* (CD-ROM edition). Leiden: Brill, 2004.

Bíblia Hebraica - Stuttgartensia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

- Secundária:

ADLER, William. “Berossus, Manetho, and ‘1 Enoch’ in the World Chronicle of Panodorus” in: *Harvard Theological Review*, vol. 76, nº 4, 1983.

ANNIE, Maria. *Mesopotamia – Unabridged Guide*. Aspley: Emereo Publishing.

BEAULIEU, Paul-Alain. “Berossus on Late Babylonian History” in: *Special Issue of Oriental Studies*, 2006.

DALLEY, Stephanie. *Myths from Mesopotamia. Creation, The Flood, Gilgamesh, and Others*. New York: Oxford University Press, 2008.

DE BREUCKER, Geert. “Berossos between tradition and innovation” in: RADNER, Karen e ROBSON, Eleanor (eds.). *The Oxford Handbook of Cuneiform Culture*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____, Geert. “Berossos: His Life and His Work” in: HAUBOLD, Johannes, LANFRANCHI, Giovanni B., et al (eds.). *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental Traditions, Hatfield College, Durham 7th-9th July 2010*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013.

DILLERY, John. “Greek Historians of the Near East” in: MARINCOLA, John (ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. West Sussex: Blackwell Publishing.

DREWS, Robert. “The Babylonian Chronicles and Berossus” in: *Iraq*, 1, Vol. 37, 1975.

GRAINGER, John D. *The Rise of the Seleucid Empire – 323-223 a.C.*. Barnsley: Pen & Sword Books.

HAUBOLD, Johannes. “The World of Berossos: Introduction” in: HAUBOLD, Johannes, LANFRANCHI, Giovanni B., et al (eds.). *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental*

Traditions, Hatfield College, Durham 7th-9th July 2010. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013.

_____, Johannes. “The Wisdom of the Chaldeans: Reading Berossos, *Babyloniaca* Book 1” in: HAUBOLD, Johannes, LANFRANCHI, Giovanni B., et al (eds.). *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental Traditions, Hatfield College, Durham 7th-9th July 2010*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013.

KRAELING, Emil G. “Xisouthros, Deucalion and the Flood Traditions” in: *Journal of the American Oriental Society* 3, vol. 67, 1947.

KOMOROCZY, Géza. “Berossos and the Mesopotamian Literature” in: János Harmatta. *Acta Antiqua - Academiae Scientiarum Hungaricae*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 1973.

LAMBERT, Wilfred. G. “Ancient Near Eastern Studies: Mesopotamia” in: ROGERSON, J. W. e LIEU, Judith M. (eds.). *The Oxford Handbook of Biblical Studies*. New York: Oxford University Press, 2006.

LANG, Martin. “Book Two: Mesopotamian Early History and the Flood Story” in: ROGERSON, John. W. “Old Testament” in: ROGERSON, J. W. e LIEU, Judith M. (eds.). *The Oxford Handbook of Biblical Studies*. New York: Oxford University Press, 2006.

TSUMURA, David Toshio. “Genesis and Ancient Near Eastern Stories of Creation and Flood” in: HESS, Richard S. e TSUMURA, David Toshio (eds.). *I Studied Inscriptions from Before the Flood – Ancient Near Eastern, Literary, and Linguistic Approaches to Genesis 1-11*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1994.

TUPLIN, Christopher. “Berossos and Greek Historiography” in: HAUBOLD, Johannes, LANFRANCHI, Giovanni B., et al (eds.). *The World of Berossos: Proceedings of the 4th International Colloquium on The Ancient Near East between Classical and Ancient Oriental Traditions, Hatfield College, Durham 7th-9th July 2010*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2013.

VAN DER SPEK, Robert J. “The *šatammus* of Esagila in the Seleucid and Arsacid Periods” in: *Assyriologica et Semitica*, 2000.

VERBRUGGHE, Gerald P. e WICKERSHAM, John M. *Berossos and Manetho – Introduced and Translated*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1996.

Declaração de autenticidade

Eu, Diana Beltrão de Macedo, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Do Dilúvio a Alexandre: a Babilônia a partir dos olhos de um babilônico” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 23 de junho de 2015.

Diana Beltrão de Macedo